

REVISTA DE HUMANIDADES, TECNOLOGIA E CULTURA

Faculdade de Tecnologia de Bauru. ISSN 2238-3948.

A FILOSOFIA DA GRÉCIA ANTIGA COMO INSPIRAÇÃO PARA O ATUAL DEBATE SOBRE O ENSINAR A FILOSOFAR

THE PHILOSOPHY OF ANCIENT GREEK AS INSPIRATION TO THE ACTUAL DEBATE ON TEACHING TO PHILOSOPHIZE

Edinilson dos Anjos Silva ¹

RESUMO: A sociedade de nosso tempo encontra-se em constante mudança. Uma mudança cada vez mais acelerada e difícil de controlar no qual a educação já não está à frente do mesmo, mas depende das evoluções e dinâmicas políticas e, sobretudo, econômicas. A mudança educativa que estamos vivendo nestes momentos é uma clara prova disso. O presente artigo pretende indagar em um dos ideais antigos mais relevantes, o de Paidéia, para observar como estes condicionavam a educação antiga e poder compará-la com a educação atual, especialmente a educação superior. Uma educação integral que não só se centra no conhecimento, como também na qualidade humana das próprias pessoas.

Palavras-chave: história da educação; paidéia; ensino aprendizagem; Grécia Antiga.

ABSTRACT: Our contemporaneous society finds itself in constant change. A changing getting faster and harder to control, in which the education is not in front of it anymore, but yes depending on political dynamics and evolutions, and also economical. The educational change lived in these moments is a clear proof of this. The current article aims at the consideration of one of the most traditional and relevant ideals, Paideia, in order to observe how these conducted the previous education and to compare the nowadays education, especially on the superior education. An integral education not centered only on knowledge, as well as on the human quality of people.

Keywords: education history; paideia; teaching-learning; Ancient Greece.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ.
E-mail: edinilson.matematica@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, todo povo que atinge um mínimo de desenvolvimento dedicou, ainda inconscientemente, parte de seus esforços aos conhecimentos e valores que consideraram como válidos se conservassem e transmitissem de geração em geração, criando uma marca da sociedade no indivíduo. Isto é, desde que o ser humano acreditou em sua essência social, acreditou na educação.

Remontar a 35.000 a.C. seria ir ao começo de tudo, aos tempos onde o *Homo sapiens* começou a fabricar ferramentas e usá-las cada vez mais e melhor; à própria origem do tempo ou, ainda, à origem do tempo entendido tal e como o homem o construiu.

Seria então quando se poderia identificar o que alguns consideraram o nascimento da cultura. Uma simples palavra: cultura, que talvez responda a um conceito abismalmente mais elaborado. Inclusive civilizações tão grandes como a mesopotâmica e a egípcia não são para muitos autores, merecedoras de poder usar a palavra cultura tal e como a entendemos atualmente e, para compreendê-la e poder estreitar nosso debate, tomaremos como ponto de partida o berço de nossa sociedade atual: a Grécia antiga.

As origens da educação de nosso século como o ideal de Paidéia se encontram em um salto histórico qualitativo e nos alicerces de nossa cultura tal e como a entendemos hoje em dia. A realidade de nosso tempo, social, política, econômica e, por consequência educativa, está social e historicamente condicionada, isto é, o que hoje consideramos como aceitável para nossa sociedade, seguramente não o será tanto depois de várias décadas e, não o é já para outros países com outras formas de entender a educação: para isso só temos que pensar em como se educa numa madrassa² e o comparar com nosso sistema escolar (JAEGER, 2003).

Dessa forma, este trabalho se centra no que se ensinava e também se discute o porquê, mas prestando especial atenção em como e em quem, para relacioná-lo com a atualidade. Interessa-nos ver a maneira em que os alunos aprenderam e os professores ensinaram o papel que desempenharam uns e outros ao longo da história da educação.

Assim, respondendo a cada uma destas perguntas conheceremos um pouco mais o passado, entenderemos melhor o presente e, talvez, poderemos escolher nosso futuro.

É verdadeiro que existem bastantes aspectos obscuros que estão na base da educação grega, e que de jeito nenhum poderíamos qualificar como plausíveis. A grande diferença de classes e o ideal utópico do homem superior ao que deve aspirar a raça são claros exemplos que levaram à humanidade a cometer atrocidades que podem ser descritas com macabra precisão.

Essa elite intelectual não deve ter cabimento em nossa atual Sociedade do Conhecimento, em que a democratização da educação é um de seus pilares básicos. Mas seria próprio de tolos, sobretudo em tempos de crises, negar a ainda existência de

² Conhecidas pelo seu papel na formação de extremistas, as madrassas são escolas que privilegiam o estudo e a memorização do alcorão. Não ensinam nem mesmo a alfabetização básica. Podem chegar ao ensino superior, mas sem promover o conhecimento moderno, excluindo matérias científicas, a matemática, filosofia, ciências sociais e humanas. As madrassas ficaram mais conhecidas após o 11 de setembro.

classes sociais e a penosa asseveração de que, se não muda radicalmente nossa condição humana, sempre as terá. Mesmo assim, este é o melhor dos incentivos para lutar dia a dia na contramão desta discriminação social e fazer do acesso universal à educação uma realidade, outro dos pilares do Processo de Convergência (ANDERSON, 1964).

O trabalho dos pais quanto a educação referida reduzia-se a uma simples criação do filho até os sete anos, que passava a ser pertence do Estado, que se encarregava de sua educação até sua morte.

Estes são só alguns dos exemplos mais relevantes que a antiga Grécia nos oferece. Os autores a serem pesquisados servirão de exemplo, bem como sua relação com as correntes metodológicas predominantes de nossa época.

Este trabalho tem por objetivo geral buscar a compreensão da filosofia da Grécia antiga como inspiração para o atual debate sobre o ensinar a filosofar; identificando os métodos educacionais utilizados na Grécia antiga e analisar os métodos educacionais utilizados atualmente; traçando uma analogia sobre os métodos educacionais antigos e atuais; e descrever as diferentes premissas de uma educação integral e multidisciplinar em todos os níveis; apontando caminhos para uma reflexão que chega à própria essência do conceito, sem esquecer a sua própria contextualização, traduzidos em função de suas características de espaço e tempo.

METODOLOGIA

A busca, análise e sistematização de fontes, sejam primárias ou secundárias, para o estudo da educação grega em época clássica e helenística revelou um amplo repertório de trabalhos, de considerável antiguidade, através dos quais acometer a abordagem e entendimento das linhas fundamentais de pensamento pedagógico grego, e dos principais alcances em matéria educativa.

Mas este vasto corpo documental pode ser enganoso no momento em que penetramos em seu interior, observando que a maior parte das obras resulta ser pouco precisa e estar reduzida, essencialmente, ao estudo de duas figuras paradigmáticas da instrução grega: Platão e Aristóteles.

Deles, os estudos amplos publicados em livros são quase inexistentes, predominando algumas obras e publicações divulgadas em revistas ou publicações periódicas. Também poderiam se acrescentar a este elenco de produções bibliográficas as histórias gerais da educação e da pedagogia, nas quais nunca costuma faltar uma referência maior ou menor, às vezes sintética, às suas reflexões intelectuais. Exemplo delas são as obras de Larroyo (1974); Valle (2002) e Cambi (1999). Em geral, não supõem nem pretendem ser uma contribuição à investigação no tema, mas podem ser de grande utilidade.

Mais interessantes, são as histórias da educação na Antiguidade, que, por ter um marco mais reduzido de referência, sua profundização e contribuição é superior. Devem ser destacadas, entre elas, a de Maorrou e Casanova (1990) e Maorrou (1975), que, apesar de sua pouca amplitude, não deixam de ser um bom estudo didático e divulgador, conservando seu rigor crítico e cientista.

Nesta mesma linha, devem ser mais bem considerados os trabalhos cujo objetos são a história da Educação grega, alguns dos quais, como o de Lynch (1972), Jaeger

(2003), Marques (2006) e Too (2001), ainda circunscrevendo-se no fenômeno geral da Paidéia, referem-se aos ideais da cultura grega mais que ao marco estrito da educação.

Dentro destas mesmas coordenadas, podem destacar-se obras como as de Girard (1891), Brunelli (1939), Morrison (1949), Anderson (1964), Beck (1964) ou Stockmeier (1983) que, recolhendo perspectivas gerais da educação grega, estudam aspectos concretos da educação ateniense.

DESENVOLVIMENTO

Entre 600 e 200 a.C. a filosofia grega formou a base de toda especulação filosófica no mundo ocidental. Dessa afirmação, muitas hipóteses intuitivas dos antigos gregos renunciaram várias teorias da ciência moderna. Mesmo muitas das ideias morais desenvolvidas por estes foram incorporados à doutrina moral cristã. As ideias políticas desenvolvidas, por exemplo, influenciaram muitos líderes políticos ao longo da história (MORRISON, 1949).

A Escola Jônica

De acordo com Chauí (2002), a filosofia grega pode ser dividida entre aqueles filósofos que buscavam uma explicação do mundo em termos físicos e aqueles que enfatizavam a importância de formas ou ideias imateriais. A primeira escola importante da filosofia grega, a jônica ou a miléssia, era em grande parte materialista. Fundado por Thales de Mileto no século VI a.C., esta partiu da crença de Thales segundo a qual a água é a substância primordial da qual toda a matéria procede.

Anaximandro ofereceu uma ideia mais elaborada e sustentou que a base de toda a matéria é uma substância eterna que é transformada em todas as formas materiais comumente conhecidas (CHAUÍ, 2002). Essas formas, por sua vez, mudam e se fundem com outras de acordo com a regra da justiça, isto é, uma espécie de equilíbrio e proporção. Heráclito, por sua vez, considerou que o fogo é a fonte primordial de matéria, mas acreditava que o mundo inteiro está constantemente mudando ou fluindo e que a maioria dos objetos e substâncias são produzidas pela união de princípios opostos. Ele considerou a alma, por exemplo, como uma mistura de fogo e água (CHAUÍ, 2002).

O conceito de *nous* (inteligência), substância infinita e imutável que penetra e controla todo objeto vivo, foi desenvolvido por Anaxágoras, que também acreditava que a matéria consiste de partículas em uma pequena escala infinitesimal, ou átomos.

A Escola Pitagórica

Segundo Marcondes (1997), a divisão entre idealismo e materialismo tornou-se mais clara com a passagem do tempo. Pitágoras destacou a importância da forma sobre a matéria para explicar a estrutura do material. A escola pitagórica também influenciou a importância da alma, considerando o corpo como uma simples prisão da alma.

Pitágoras (c. 582-c. 500 a.C.), filósofo e matemático grego, cujas doutrinas influenciaram grandemente Platão, é nascido na ilha de Samos, sendo instruído nos

ensinamentos dos primeiros filósofos jônicos como Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes. Para Marcondes (1997), Pitágoras havia sido condenado ao exílio de Samos por sua aversão à tirania de Polícrates, por volta de 530 a.C., quando se estabeleceu em Crotona, uma colônia grega no sul da Itália. Lá fundou um movimento para fins religiosos, políticos e filosóficos conhecido como pitagorismo. A filosofia de Pitágoras é conhecida apenas através do trabalho de seus discípulos.

Nesse sentido, suas doutrinas básicas versavam no fato de assumir certos mistérios, semelhantes em muitos pontos aos enigmas do orfismo. Eles aconselhavam a obediência e o silêncio, a abstinência de consumir comida, a simplicidade no vestuário e nas posses e o hábito da auto-análise. Os pitagóricos acreditavam na imortalidade e na transmigração da alma. O próprio Pitágoras alegou que tinha sido Euforbo, e lutou durante a Guerra de Tróia, e que havia sido autorizado a trazer a memória de todas as suas existências anteriores a sua vida terrena (MARCONDES, 1997).

Já em sua teoria dos números, tem-se como relevante as extensas investigações matemáticas realizadas pelos pitagóricos, como estudos de números pares e ímpares e números primos e quadrados. Deste ponto de vista aritmético, eles cultivaram o conceito de número, que se tornou o princípio crucial de toda proporção, ordem e harmonia no universo. Através desses estudos estabeleceram uma base científica para a matemática. Em geometria, a grande descoberta da escola era o teorema hipotenusa conhecido como teorema de Pitágoras, que afirma que o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo é igual à soma dos quadrados dos outros dois lados.

No campo da astronomia houve um avanço importante no pensamento científico clássico, uma vez que pitagóricos foram os primeiros a considerar a Terra como um globo que gira com outros planetas em torno de um incêndio central. Eles explicaram a ordem harmoniosa de todas as coisas como corpos se movendo de acordo com um esquema numérico, em uma esfera de realidade simples e abrangente. Pensaram, inclusive, que os corpos celestes foram separados por intervalos de comprimentos de harmônicas cadeias correspondentes, com o movimento das esferas dando origem a um som musical, o modo - chamada harmonia das esferas (MARCONDES, 1997).

A Escola Primária

Segundo Marcondes (1997), a atual filosofia grega teve seu auge nos séculos VI e V a.C. O pensamento eleático, nesse contexto, é tão contrário à filosofia materialista da escola Jônica e a teoria do fluxo universal formulado pelo filósofo grego Heráclito. Segundo os eleáticos, o universo é essencialmente uma unidade imutável que, sendo infinita no tempo e no espaço, está além da cognição proporcionada pelos sentidos humanos. Somente através da reflexão filosófica, afirmaram, a verdade última pode ser alcançada. Observações sensoriais, conseqüentemente, oferecem apenas uma visão limitada e distorcida da realidade.

O nome Eleática vem da cidade grega de Elea, no sul da Itália, lar de Parmênides e Zenão, principais expoentes da mesma escola. Para Marcondes (1997), há controvérsias quanto ao fato de a escola ter sido fundada por Xenófanes ou Parmênides. Contudo, muitas das doutrinas eleáticas foram baseadas nos

ensinamentos de Xenófanes, enquanto Parmênides desenvolveu suas doutrinas dentro de um sistema de metafísica.

Logo, a filosofia eleática serviu de base para o sistema metafísico de Platão. Segundo Parmênides, guia da escola eleática, a aparência do movimento e a existência no mundo de objetos diferentes são mera ilusão: eles parecem existir apenas. As ideias de Pitágoras e Parmênides eram a base do idealismo que mais tarde caracterizaria a filosofia grega.

OS Sofistas

Os sofistas, surgidos no século V a.C., dedicaram-se à consideração do materialismo aplicado à vida diária, enfatizando a importância da percepção humana. Protágoras, por exemplo, duvidava que a humanidade pudesse ser capaz de nunca alcançar a verdade objetiva através da razão. E, argumentou, que o sucesso material, em vez da verdade, deveria ser o propósito da vida.

Sofistas (do grego *sophi*, 'expert', 'mestre artesão', 'homem de sabedoria'), em sua origem, é nome aplicado pelos antigos gregos a homens instruídos, como os Sete Sábios da Grécia, no século V a.C., nome dado aos professores itinerantes que ofereciam instrução em vários ramos do conhecimento em troca de uma taxa previamente acordada. Sendo pessoas que compartilhavam opiniões filosóficas muito mais amplas do que as de uma escola, os sofistas popularizaram as ideias de vários filósofos anteriores, mas com base em sua interpretação do pensamento filosófico anterior. Quase todos concluíram afirmando que a verdade e a moral eram, em essência, questões de opinião (MAORROU, 1975).

Assim, em seus próprios ensinamentos, tendiam a enfatizar formas persuasivas de expressão como a arte da retórica, que fornecia aos discípulos técnicas úteis para alcançar o sucesso na vida, especialmente na vida pública. Os sofistas gozaram de popularidade por algum tempo, especialmente em Atenas. No entanto, seu ceticismo da verdade absoluta e da moral suscitou fortes críticas no final.

Sócrates, Platão e Aristóteles questionaram os fundamentos filosóficos dos ensinamentos dos sofistas. Platão e Aristóteles os censuraram por aceitar dinheiro. Mais tarde, eles foram acusados pelo Estado de falta de moral. Como consequência, a palavra sofista adquiriu um significado pejorativo, assim como o termo moderno sofisma, que pode ser definido como astucioso e enganoso ou como falsa argumentação ou raciocínio. No entanto, várias correntes filosóficas afirmam o sofisma como um espírito crítico desde meados do século XX. Autores tão díspares e vários teóricos do pós-modernismo produziram o grande elogio doutrinário do sofisma. Em última análise, os sofistas foram de menor importância no desenvolvimento histórico do pensamento filosófico ocidental. Eles foram, no entanto, os primeiros a sistematizar a educação. Entre os principais sofistas do século IV a.C. estão Protágoras, Górgias, Hípias de Elide e Prodicos de Ceos (LYNCH, 1972).

Sócrates

Em contraste estavam as ideias de Sócrates, com as quais a filosofia grega atingiu seu auge. Seu objetivo reconhecido era o de cumprir a missão do filósofo de buscar dentro de si e de outros homens. O método de Sócrates era dialético: depois de

propor uma proposição fazia uma série de perguntas para analisar e refinar a proposição, examinando suas consequências e verificando se coincidiam com fatos conhecidos.

Sócrates descreveu a alma não em termos de misticismo, mas como aquilo em virtude do qual somos qualificados como sábios ou malucos, bons ou maus. Em outras palavras, Sócrates considerou a alma como uma combinação da inteligência e do caráter de um indivíduo. Este, nascido entre c.470-c. e 399 a.C., foi o filósofo grego fundador da filosofia moral, ou axiologia, que teve grande peso na filosofia ocidental por sua influência em Platão. Nascido em Atenas e filho de Sofronisco, um escultor, e Fenareta, uma parteira, recebeu uma educação tradicional em literatura, música e ginástica. Mais tarde se familiarizou com a retórica e dialética dos sofistas, as especulações dos filósofos jônicos e a cultura geral da Atenas de Péricles. A princípio, Sócrates acompanhou o trabalho do pai, que o levou a uma série de estátuas das Três Graças que estavam na entrada da Acrópole ao século II AC. Durante a Guerra do Peloponeso contra Esparta serviu como um soldado de infantaria com expressiva coragem nas batalhas de Potidaea em 432-430 a.C., Delos em 424 a.C. e Anfípolis em 422 a.C. (GIRARD, 1891).

Sócrates acreditava na superioridade da discussão sobre a escrita e, portanto, passava a maior parte de sua vida adulta nos mercados e praças públicas de Atenas, iniciando diálogos e discussões com qualquer um que quisesse ouvir dele e a quem costumava responder com perguntas: um método chamado maiêutica, ou arte de iluminar os espíritos, isto é, fazer com que o interlocutor descubra suas próprias verdades. Segundo os depoimentos de seu tempo, Sócrates era pouco atraente e de baixa estatura, elementos que não o impediam de agir com audácia e autocontrole. Ele apreciava muito a vida e alcançava popularidade social por causa de sua inteligência viva e um senso de humor aguçado desprovido de sátira ou cinismo.

No que diz respeito a sua atitude em relação à política, Sócrates era obediente às leis de Atenas, mas em geral evitava a política, contente pelo que chamou de aviso divino. Ele acreditava que havia recebido um chamado para praticar filosofia e que poderia servir melhor ao seu país dedicando-se a ensinar e persuadir os atenienses a examinar suas consciências e cuidar de suas almas. Ele não escreveu nenhum livro nem encontrou uma escola regular de filosofia. Tudo o que se sabe com certeza sobre sua personalidade e seu modo de pensar é extraído das obras de dois dos seus discípulos mais notáveis, Platão, que atribuiu suas próprias ideias ao seu professor, e o historiador Xenofonte, um escritor prosaico que compreendera muitas das doutrinas de Sócrates. Platão descreveu Sócrates se escondendo atrás de uma profissão irônica de ignorância, conhecida como ironia socrática, e possuindo uma inteligência que lhe permitia entrar nas discussões com grande facilidade.

De seus ensinamentos e contribuições, concebo as ações de Sócrates para a filosofia por um tom ético. A base de seus ensinamentos e o que ele instilou foi a crença em uma compreensão objetiva dos conceitos de justiça, amor, virtude e conhecimento de si mesmo. Ele acreditava que todo vício é resultado da ignorância e que ninguém deseja o mal. Por sua vez, a virtude é o conhecimento e aqueles que conhecem o bem agirão de forma justa. Sua lógica enfatizava a discussão racional e a busca de definições gerais, como fica claro nos escritos de seu jovem discípulo, Platão, e seu aluno,

Aristóteles. Através desses, Sócrates influenciou muito no curso posterior do pensamento especulativo ocidental.

Outro pensador e amigo influenciado por Sócrates foi Antístenes, o fundador da escola cínica da filosofia. Sócrates também foi professor de Aristipo, que fundou a filosofia cirenaica de experiência e prazer, da qual emergiu a mais alta filosofia de Epicuro. Tanto para os estóicos quanto para o filósofo grego Epicteto, como para o filósofo romano Seneca, o velho e o imperador romano Marco Aurélio, Sócrates representava a personificação e a orientação para alcançar uma vida mais elevada.

No que diz respeito ao seu julgamento, afirmo, embora fosse um patriota e homem de profundas convicções religiosas, Sócrates sofreu ainda a desconfiança de muitos de seus contemporâneos, que não gostavam de sua atitude para com o Estado ateniense e a religião estabelecida. Foi acusado em 399 a.C. por desprezar os deuses do Estado e introduzir novas divindades, uma referência a demônio, ou voz interior mística, a qual Sócrates muitas vezes aludiu. Ele também foi acusado de corromper a moral da juventude, longe dos princípios da democracia, confundindo sofistas. Talvez esse último seja resultado da caricatura dele feita pelo poeta cômico Aristófanes, que utilizando da comédia caricaturou nas nuvens uma representação do filósofo como o proprietário de uma loja de ideias, na qual os jovens eram ensinados a fazer o pior motivo parecer a melhor razão.

A Apologia de Platão reflete a essência de Sócrates na defesa de seu julgamento, uma brava defesa de toda a sua vida. Ele foi condenado à morte, embora a sentença só tenha alcançado uma pequena maioria. Quando, de acordo com a prática legal de Atenas, Sócrates fez uma réplica irônica à sentença de morte do tribunal propondo a pagar apenas uma pequena multa dado o baixo valor que tinha para o Estado um dotado homem em missão filosófica. Foi preso e passou seus últimos dias com seus amigos e seguidores, como está registrado na obra Fédon de Platão, e durante uma noite cumpriu sua final sentença bebendo uma xícara de cicuta seguindo o procedimento usual de execução. Ele era casado com Jantipa, uma mulher de mau humor reconhecido, com quem teve três filhos.

Platão e Aristóteles

O idealismo de Sócrates foi organizado por Platão em uma filosofia sistemática. Em sua teoria das ideias, Platão argumentou que os objetos do mundo real são meras sombras das formas ou ideias eternas. As ideias únicas e imutáveis, as formas eternas, podem ser o objeto do conhecimento verdadeiro, a percepção de suas sombras, isto é, o mundo como é ouvido, vê e sente. São uma opinião simples. O objetivo do filósofo, ele disse, é conhecer as formas eternas e instruir os outros nesse conhecimento (MARQUES, 2006).

A teoria do conhecimento de Platão está implícita em sua teoria das ideias. Ele sustentou que os objetos materiais percebidos e o indivíduo que os percebe estão em constante mudança. Entretanto, como o conhecimento está relacionado apenas a objetos imutáveis e universais, o conhecimento e a percepção são diferentes em essência.

Em vez das ideias de Platão, que têm sua própria e eterna entidade, Aristóteles propôs uma série de conceitos que representam as propriedades comuns de qualquer

grupo de objetos reais. Conceitos, ao contrário das ideias de Platão, não têm existência fora dos objetos que representam. Mais perto do pensamento de Platão estava a definição aristotélica da forma, como uma propriedade distinguível da matéria, mas com uma existência independente daquela dos objetos em que é encontrada. Ao descrever o universo material, Aristóteles afirmou que ele consiste dos quatro elementos: fogo, ar, terra e água, além de um quinto elemento que existe em toda parte e é o único constituinte de todos os corpos celestes (CHAUÍ, 2002).

Nos escritos de Platão e Aristóteles as tendências dominantes do idealismo e o materialismo em filosofia grega são alcançados em ambos os casos, em sua expressão mais elevada, resultando em um corpo de pensamento que continua a exercer uma forte influência sobre a pesquisa filosófica. Mais tarde, a filosofia grega que reflete um período histórico de agitação civil e insegurança individual estava menos preocupada com a natureza do mundo do que com problemas individuais. Nesse período, emergiram quatro grandes escolas filosóficas, em grande parte materialistas e individualistas: a dos cínicos e a dos que aderiram ao epicurismo, ao ceticismo e ao estoicismo.

Em primeiros diálogos, divide-se esses momentos em três etapas de composição. O primeiro representa a tentativa de Platão de comunicar a filosofia e o estilo dialético de Sócrates. Alguns desses diálogos têm o mesmo argumento. Sócrates conhece alguém que diz que sabe muito, diz que é ignorante e pede ajuda da pessoa que afirma saber. No entanto, quando Sócrates começa a fazer perguntas, fica claro que quem se diz sábio não sabe realmente o que afirma saber e que Sócrates aparece como o mais sábio dos dois personagens porque, pelo menos, ele sabe que não sabe de nada. Esse conhecimento, é claro, é o princípio da sabedoria. Dentro deste grupo de diálogos estão Cármides (uma tentativa de definir a temperança), Lysis (uma discussão sobre amizade), Laques (uma busca pelo significado de valor), Protágoras (uma defesa da tese de que a virtude é o conhecimento e que é possível aprendê-lo), Eutífron (uma consideração sobre a natureza da piedade) e o Livro I da República (uma discussão sobre a justiça).

Em diálogos intermediários e últimos, mais precisamente dos períodos intermediário e final da vida de Platão, são refletidos de sua própria evolução filosófica. Ou seja, as ideias dessas obras são atribuídas ao próprio Platão, embora Sócrates continue sendo o personagem principal em muitos diálogos. Os escritos do período intermediário incluem os de Górgias (a consideração de várias questões éticas), Meno (uma discussão sobre a natureza do conhecimento), Reinvidicação (a defesa que fez o próprio Sócrates, durante o julgamento no qual foi acusado de ateísmo e corrupção da juventude ateniense), Crátilo de defesa (Sócrates de obediência às leis do Estado), Fedro (cena da morte de Sócrates, que discute a teoria das ideias, a natureza da alma e da questão da imortalidade), O Banquete (a performance dramática de Platão que contém vários discursos sobre beleza e amor) e a República (o mais alto trabalho filosófico de Platão, que é uma discussão detalhada sobre a natureza da justiça).

Entre as obras do último período estão o Teeteto (uma negação de que o conhecimento deve ser identificado com o senso de percepção), Parmênides (uma avaliação crítica da teoria das ideias), Sofista (uma reflexão posterior sobre ideias ou formas), Filebo (discussão da relação entre o prazer e o bem), Timeu (ideias de Platão

sobre a ciência natural e cosmologia), e Leis (uma análise mais prática de questões políticas e sociais) (VALLE, 2002).

Na teoria das ideias, portanto, tem-se no centro da filosofia de Platão sua teoria das formas ou ideias. No final, sua ideia de conhecimento, sua teoria ética, sua psicologia, seu conceito de Estado e sua perspectiva de arte, que devem ser entendidos a partir dessa noção específica. Na teoria do conhecimento, por outro lado, há inter-relação com as ideias, portanto, as duas devem ser tratadas em conjunto. Influenciado por Sócrates, Platão foi persuadido de que o conhecimento pode ser alcançado. Ele também estava convencido de duas características essenciais do conhecimento. Primeiro, o conhecimento deve ser preciso e infalível. Em seguida, o conhecimento deve ter como objeto o que é realmente real em contraste com o que é apenas na aparência. Uma vez que para Platão o real deve ser fixo, permanente e imutável, ele identificou o real com a esfera ideal da existência em oposição ao mundo físico do devir. Uma consequência dessa abordagem foi a rejeição de Platão do empirismo, a afirmação de que todo conhecimento é derivado da experiência. Eu pensei que as proposições derivadas da experiência têm, no máximo, um grau de probabilidade. Elas não são verdadeiras. Além disso, os objetos da experiência estão mudando os fenômenos do mundo físico, portanto, os objetos da experiência não são objetos de conhecimento.

A teoria do conhecimento de Platão é exposta na República, especificamente em sua discussão da imagem da linha divisível e do mito da caverna. No primeiro, Platão distingue dois níveis de conhecimento: opinião e conhecimento. As afirmações ou afirmações sobre o mundo físico ou visível, incluindo as observações e proposições da ciência, são apenas opiniões. Algumas dessas opiniões são bem fundamentadas e outras não, mas nenhuma delas conta como conhecimento verdadeiro. O ponto mais alto do conhecimento é o próprio conhecimento, porque diz respeito à razão e não à experiência. A razão, usada de maneira apropriada, leva a ideias que são verdadeiras e os objetos dessas ideias racionais são as verdades universais, as formas ou substâncias eternas que compõem o mundo real.

O mito da caverna descreve pessoas acorrentadas na parte mais profunda de uma caverna. Amarrado de frente para a parede, suas visões são limitadas e, portanto, não podem distinguir ninguém. A única coisa que estes podem ver é a parede da caverna, na qual estão refletidos modelos ou estátuas de animais e objetos que passam na frente de uma fogueira grande e brilhante. Um dos indivíduos foge e sai à luz do dia. Com a ajuda do sol, essa pessoa vê pela primeira vez o mundo real e retorna para a caverna dizendo que as únicas coisas que temos visto até agora são sombras e aparências e o mundo real os espera no exterior se quiserem se libertar dos grilhões. O mundo das sombras da caverna simboliza para Platão o mundo físico das aparências. A fuga para o mundo ensolarado fora da caverna simboliza a transição para o mundo real, o universo da existência plena e perfeita, que é o objeto apropriado do conhecimento.

A teoria das ideias, nesse contexto, pode ser mais bem compreendida em termos de entidades matemáticas. Um círculo, por exemplo, é definido como uma figura plana composta de uma série de pontos, todos equidistantes do mesmo lugar. No entanto, ninguém realmente viu esse número. O que as pessoas viram são figuras desenhadas que são aproximações mais ou menos precisas do círculo ideal. De fato, quando os

matemáticos definem um círculo, os pontos mencionados não são espaciais, mas lógicos. Eles não ocupam espaço. No entanto, embora a forma de um círculo nunca tenha sido vista e nunca possa ser vista, matemáticos e outros sabem o que é. Para Platão, portanto, a forma de um círculo existe, mas não no mundo físico do espaço e do tempo. Ela existe como um objeto imutável no reino das ideias, que só pode ser conhecido pela razão. Ideias têm mais significado do que objetos no mundo físico, tanto pela sua perfeição e estabilidade quanto pelo fato de serem modelos, semelhanças que dão aos objetos físicos comuns o que eles têm da realidade. As formas circulares, quadradas e triangulares são excelentes exemplos do que Platão quer dizer por ideia. Um objeto que existe no mundo físico pode ser chamado de círculo, quadrado ou triângulo porque se assemelha (“participa” nas palavras de Platão) a ideia de um círculo, quadrado ou triângulo.

O filósofo em questão estendeu sua teoria para além do campo da matemática. Na verdade, eu estava mais interessado em sua aplicação na esfera da ética social. A teoria era sua maneira de explicar como o mesmo termo universal pode se referir a muitas coisas ou eventos particulares. A palavra justiça, por exemplo, pode ser aplicada a centenas de ações concretas porque esses atos têm algo em comum, eles se assemelham, eles participam da ideia de justiça. Uma pessoa é humana porque se parece ou participa da ideia de humanidade. Se a humanidade é definida em termos de ser um animal racional, então a pessoa é humana porque é racional. Um ato particular pode ser considerado corajoso ou covarde porque participa dessa ideia. Um objeto é belo porque participa da ideia ou forma da beleza. Portanto, tudo no mundo do espaço e do tempo é o que é em virtude de sua semelhança com sua ideia universal. A capacidade de definir o termo universal é a prova de que a ideia a que esse universal se refere foi dominada. Platão concebeu ideias de maneira hierárquica: a ideia suprema é a de Deus, que, como o sol no mito da caverna, ilumina todas as outras ideias. A ideia de Deus representa a passagem de Platão na direção de um princípio final de explicação. No final, a teoria das ideias é projetada para explicar o caminho pelo qual se atinge o conhecimento e também como as coisas se tornaram o que são. Em linguagem filosófica, a teoria das ideias de Platão é tanto uma tese epistemológica (teoria do conhecimento) quanto uma tese ontológica (teoria do ser).

Já na teoria política, elenco mais uma vez *A República*, que lida com a questão da justiça e, portanto, das questões: o que é um Estado justo? E quem é um indivíduo justo? O estado ideal, segundo Platão, é composto de três classes. A estrutura econômica do Estado está na classe dos comerciantes. A segurança, na liderança militar, e política, que é assumida pelos reis-filósofos. A classe de uma pessoa é determinada por um processo educacional que começa no nascimento e continua até que essa pessoa tenha atingido o nível mais alto de educação compatível com seus interesses e habilidades. Aqueles que completam todo o processo educacional tornam-se reis-filósofos. Eles são aqueles cujas mentes se desenvolveram tanto que são capazes de entender ideias e, portanto, podem tomar as decisões mais sábias. Na realidade, o sistema educacional ideal de Platão é, em primeiro lugar, estruturado para produzir reis-filósofos (LARROYO, 1974).

Platão associa as virtudes gregas tradicionais à estrutura de classes do Estado ideal. A temperança é a única virtude da classe artesanal, a coragem é a virtude da classe militar e a sabedoria caracteriza os governantes. A justiça, a quarta virtude,

caracteriza a sociedade como um todo. O estado justo é aquele em que cada classe deve executar sua própria função sem entrar nas atividades das outras classes. Platão aplica à análise da alma humana um esquema similar: o racional, a vontade e os apetites. Uma pessoa justa é aquela cujo elemento racional, auxiliado pela vontade, controla os apetites. Há uma analogia óbvia com a estrutura do estado anterior, na qual reis-filósofos sábios, auxiliados por soldados, governam o resto da sociedade.

Já na teoria da ética, Platão baseia-se no pressuposto de que a virtude é conhecimento e que pode ser aprendida. Essa doutrina deve ser entendida em toda a sua teoria das ideias. Como já foi dito, a ideia final de Platão é a ideia de Deus, e o conhecimento dessa ideia é o guia no processo de adoção de uma decisão moral. Platão afirmou saber que Deus está fazendo o bem. Logo, a consequência disso é que aquele que se comporta imoralmente o faz por ignorância. Esta conclusão decorre da certeza de Platão de que uma pessoa virtuosa é verdadeiramente feliz e, como os indivíduos sempre desejam sua própria felicidade, eles sempre anseiam por fazer o que é moral.

No campo da arte Platão tinha uma ideia antagônica, também pela figura do artista, embora tenha aprovado alguns tipos de arte religiosa e moralista. Sua abordagem tem que se unir, mais uma vez, com sua teoria das ideias. Uma linda flor, por exemplo, é uma cópia ou imitação das ideias universais de flor e beleza. A flor física é uma reprodução da realidade, isto é, das ideias. Uma imagem da flor é, portanto, uma reprodução secundária da realidade. Isso também significa que o artista é uma reprodução de segunda ordem do conhecimento e, de fato, a crítica frequente de Platão aos artistas é que eles não tinham um conhecimento verdadeiro do que estavam fazendo. A criação artística, observou Platão, parecia ter suas raízes em uma loucura inspirada.

No que diz respeito a sua influência através da história da filosofia, como foi dito, Platão tem sido demasiadamente relevante. Sua Academia existiu até 529 a.C., quando foi fechada por ordem do imperador bizantino Justiniano I, que se opunha à disseminação de seus ensinamentos pagãos. O impacto de Platão no pensamento judaico é óbvio na obra do filósofo alexandrino do século I de Filo de Alexandria. O neoplatonismo, fundado Plotino, foi um importante desenvolvimento futuro das ideias de Platão. Os teólogos Clemente de Alexandria, Orígenes e Santo Agostinho foram os primeiros expoentes cristãos de uma perspectiva platônica. Cujo ideias desempenharam um papel crucial no desenvolvimento do cristianismo e também no pensamento islâmico medieval.

Durante a Renascença, o primeiro centro de influência platônica foi a academia florentina, fundada no século XV, perto de Florença. Sob a direção de Marsilio Ficino, os membros da academia estudaram Platão em grego antigo. Na Inglaterra, o platonismo foi recuperado no século XVII por Ralph Cudworth e outros que vieram a ser conhecidos como a escola de Cambridge. A influência de Platão chegou ao século XX a partir da mão de pensadores como Alfred North Whitehead, que uma vez prestou tributo a ele descrevendo a filosofia como uma simples série de notas de Platão (MAORROU; CASANOVA, 1990).

Neoplatonismo

Conforme detalhado brevemente no tópico anterior, o Neoplatonismo é a designação coletiva para as doutrinas filosóficas e religiosas de uma escola heterogênea de pensadores especulativos que procuraram desenvolver e sintetizar as ideias metafísicas de Platão, especialmente em relação à sua teoria das formas. Essa síntese ocorreu de maneira especial em Alexandria com o judaísmo helenístico, exemplificado pelo filósofo Filo de Alexandria, dentre outras tendências. A doutrina reteve em essência seu caráter grego. Por extensão, o termo foi aplicado às teorias metafísicas semelhantes expostas durante a Idade Média, a Renascença e nos tempos modernos (NUNES, 1979).

A doutrina neoplatônica, portanto, é uma variante do monismo idealista para a qual a realidade última do universo era a *Una*, perfeita, incognoscível e infinita. Deste emanam vários planos da realidade, sendo o *nous* (inteligência pura) o mais elevado. Do *nous* deriva a alma universal, cuja atividade criadora origina as almas inferiores dos seres humanos. A alma universal, por sua vez, é concebida como uma imagem do *nous*, da mesma maneira que o *nous* é uma imagem do *Uno*. Desta maneira, tanto a alma *nous* quanto a universal, apesar de sua diferenciação, são da mesma substância, isto é, são consubstanciais ao *Um*.

A alma universal, no entanto, estabelece-se como uma ponte entre o *nous* e o mundo material, tendo a opção de preservar a sua integridade e a imagem de perfeição ou ser sensual e corrupto inteiramente. A mesma escolha está aberta a cada uma das almas inferiores. Quando, por desconhecimento da sua verdadeira natureza e identidade, a alma humana experimenta uma falsa sensação de distância e independência. Já quando arrogante se torna uma forma manifesta e cai em hábitos sensuais e depravados. O neoplatonismo sustenta que a salvação dessa alma é possível graças à virtude da liberdade da vontade que lhe permitiu escolher seu caminho de pecado. A alma deve reverter esse curso, traçando os sucessivos passos de sua degeneração na direção oposta, até que se una novamente com a origem de seu ser. O encontro verdadeiro é consumado através de uma experiência mística em que a alma conhece um êxtase total.

O legado do ensinamento grego antigo para a educação atual

A educação grega é considerada como a base elementar da educação nos dias atuais. Por vários séculos a.C., indicava traços que mesmo nestes tempos se repetem, para que possamos observar e nos orientar sobre esses parâmetros para analisar a influência da educação na sociedade, seu impacto e sua evolução, a importância, a quem ele se dirigiu, e aqueles que foram ensinados e a importância de diferentes áreas de estudo.

Na Grécia, a classe de educação baseava-se em classes sociais, na classe dominante (treinamento para o poder pensar ou dizer e fazer) e na classe dominada (imitação de ofícios familiares) (BECK, 1964; BRUNELLI, 1939).

De acordo com essa vertente, esses propostos poderiam ser entendidos atualmente como uma tentativa de melhorar a transferência de conhecimentos para o tempo definido para o ensino. Para Aristóteles, a educação é um caminho para a compreensão da realidade. E através desta o indivíduo estará aprendendo e nos

mostrando os conteúdos adquiridos que indicam os graus de conhecimento alcançados:

O primeiro grau é a percepção sensorial, que é comum em homens e animais. A segunda, refere-se à memória apenas comum entre o homem e alguns animais considerados superiores. É agora que, através da experiência, o homem pode reter e/ou evocar, fornecendo-nos uma base sobre a qual construir conhecimento superior. Em terceiro lugar, temos o conhecimento do geral que, se não permanecer na mera opinião ou raciocínio, se torna uma ciência, já que é capaz de confirmar o conhecimento através de demonstrações. A posse desse conceito de ciência reside na capacidade de ensiná-lo aos outros.

A educação é, portanto, um pré-requisito *sine qua non* do conhecimento perfeito, arte da qual falou Platão, que não havia demonstração do poder daqueles que sabem mais do que sua capacidade de fazer para outras pessoas sábias, segundo Marcondes (2007).

Podemos observar uma semelhança entre a maneira que Aristóteles dividiu os graus de conhecimento e terminologia geralmente usada atualmente na conceituação de poderes, que não é outra, senão, provar que somos capazes de realizar com sucesso uma tarefa esperada de nós sob certas condições. Também ainda usamos a distinção feita entre a memória (reconhecimento) e recordação (memória), porque continuamos constantemente usando-a quando se avaliam os alunos com um teste de múltipla escolha, uma técnica cada vez mais avaliada por seu caráter supostamente objetivo, e outras características. Na maioria dos casos, isso facilita a tarefa de ensino e não a aprendizagem em si.

Aristóteles defendia a imitação como princípio básico de aprendizado. E como Platão, considerava o mundo inteiro como uma imitação da verdadeira essência intelectual. Da mesma forma que promoveu a admiração como primeiro passo para o conhecimento. Segundo a doutrina aristotélica, a formação do ser humano deve passar por três fatores consecutivos. Primeiro, natureza, depois hábito e finalmente razão. Pois, segundo seu pensamento, é necessário cuidar do corpo antes de pensar na alma; e depois do corpo é necessário pensar no instinto. O instinto não é formado, mas serve à inteligência, nem o corpo é formado, mas serve a alma.

Dessa forma, devemos admitir que temos muitas coisas para agradecer aos gregos e sua maneira de ensinar. O ideal do cidadão grego responde, salvando as diferenças e freqüentando as classes superiores, às premissas de uma educação integral em todos os sentidos e em todos os níveis, arte, ginástica, poesia, ética, oratória, música, lógica etc.

Na história educacional, os antigos gregos contribuíram com duas marcas características. O inerente à civilização e sociedade, e a concepção da criança como educadora.

Também encontramos a separação dos processos educacionais de acordo com as classes sociais, mas menos rígida e com uma tendência evidente para as formas de democracia educacional: para os grupos dominantes, uma escola ou um processo de instrução separado, para educar nas tarefas do poder, que estão 'pensando' ou 'dizendo' (isto é, política), e 'tornando' inerente a ela (isto é, armas). Para os grupos mais excluídos e oprimidos, o processo de instrução concentrou-se nas atividades manuais e de cultivo.

A pedagogia na era grega para ser uma das primeiras, é onde muitas das filosofias usadas hoje são formadas. Devido ao estilo de ensino em que o estudante passava a maior parte do tempo com o seu tutor, o aprendiz poderia mais facilmente retornar à doutrina do professor, polindo-a ou criando outra baseada no seu mentor. Desta forma, muitos dos métodos de ensino atuais são os mais utilizados pelo tempo de perfeição que eles levaram (CAMBI, 1999).

CONCLUSÃO

Com frequência, atribui-se à filosofia o papel de aprendizagem do raciocínio, o que poderia ser considerado como uma armadilha, algo que deve ser descartado desde o princípio. Efetivamente, pode ser considerado que há outras matérias mais idôneas que a filosofia para formar as competências lógicas e analíticas dos estudantes como, por exemplo, a matemática, com a educação rigorosa que implica o costume de demonstrar o que parece evidente à primeira vista.

Também pode ser mencionada a capacidade formadora das gramáticas grega e latina, autênticas ferramentas de enquadramento racional dos alunos. Frente a esses poderosos instrumentos de análises lógicos, a reflexão filosófica poderia ser desmerecida.

Agora, a função essencial da filosofia na escola reside menos na aprendizagem do raciocínio do que na crítica dos saberes e dos sistemas de valores. Não se exerce sobre uma matéria formal em que se podem abstrair os conteúdos. A força pedagógica da filosofia reside, ao mesmo tempo, nas estruturas críticas que ensinam a utilizar e no *corpus* de saber sobre os quais versa.

Essa aprendizagem que é, antes de tudo, o da capacidade de criticar uma cultura, a cultura própria de um mesmo significa que a filosofia é uma potente ferramenta de formação e de transformação da personalidade. Portanto, deve ser utilizada com precaução já que pode manifestar uma ambivalência a dois níveis.

A implementação de julgamento dos sistemas de valores, dos costumes e das estruturas epistêmicas não tem nada de insignificante em uma idade na qual se consolida a personalidade. Eis um argumento que advoga por uma maior familiarização com as práticas filosóficas e a favor da filosofia para crianças. Nesse sentido, o efeito desestruturante da filosofia, para ser benéfico, deve sempre fornecer acompanhamento permanente tanto por parte dos educadores como por parte do meio social mais próximo.

A filosofia, bem como o processo educativo de modo geral, pode acentuar as dificuldades já existentes no processo de construção da personalidade. Por isso, é oportuno que os jovens alunos e as crianças se familiarizem com a prática do questionamento a uma idade precoce, em vez de que esta intervenha subitamente e, de modo geral, relativamente tarde no itinerário educativo.

Além disso, a crítica dos saberes pode também constituir um potente dispositivo de retirada de identidade quando versa sobre saberes diferentes aos que conhecem os estudantes. A filosofia deve ser sempre crítica de sua própria cultura. Quando a crítica se orienta para o exterior, quando se utiliza para opor nossa cultura e nosso *ethos* aos dos demais-quaisquer que sejam, então deixa de ser um instrumento

de abertura crítica para transformar-se em um meio de retirada cultural e em uma atitude que pode dar local a toda uma gama de autoritarismos e fanatismos.

Por isso, a filosofia, no sentido das categorias do saber filosófico, não tem forçadamente a vocação de sustentar uma interação livre e democrática entre os indivíduos. Os piores sistemas totalitários recorreram aos filósofos mais radicalmente críticos com respeito a suas próprias culturas-filósofos, por essência, vetores da liberdade. A filosofia encontra sua força cognitiva e cultural na desconstrução crítica que ensina a fazer em cada um de nossos sistemas de crenças e valores, e, portanto, na maneira em que aprendemos a questionar os alcances epistêmicos ou éticos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, W. **Man's Quest for Political Knowledge: The Study and Teaching of Politics in Ancient Times.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1964.

BECK, F. A. G. **Greek Education: 450-350 BC.** [s. l.] Methuen, 1964.

BRUNELLI, V. B. **Il pensiero educativo della Grecia.** Roma: Studium Urbis, 1939.

CAMBI, F. **História da pedagogia.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHAUÍ, M. S. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRARD, P. **L'Éducation athénienne au Ve et au IVe siècle avant J.-C.** Paris: Hachette, 1891.

JAEGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LARROYO, F. **História da educação e da pedagogia.** São Paulo: Mestre Jou, 1974.

LYNCH, J. P. **Aristotle's School: A Study of a Greek Educational Institution.** San Francisco: University of California Press, 1972.

MAORROU, H. I. **História da educação na antiguidade.** São Paulo: EPU/Instituto Nacional do Livro, 1975.

MAORROU, H. I.; CASANOVA, M. L. **História da educação na antiguidade.** São Paulo: EPU, 1990.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** São Paulo: Zahar, 1997.

MARCONDES, D. **Textos básicos de ética**: de Platão a Foucault. São Paulo: Zahar, 2007.

MARQUES, M. P. **Platão, pensador da diferença**: uma leitura do Sofista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MORRISON, J. S. An introductory chapter in the history of Greek Education. **Durham University Journal**, vol. 41, n. 2, p. 55-63, 1949.

NUNES, R. A. C. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1979.

STOCKMEIER, P. **Glaube und Paideia**: Zur Begegnung von Christentum und Antike. Düsseldorf: Patmos, 1983.

TOO, Y. L. (Org.). **Education in Greek and Roman antiquity**. Leiden: Brill, 2001.

VALLE, L. **Os enigmas da educação**: a Paideia democrática entre Platão e Castoriadis. São Paulo: Autêntica Editora, 2002.